

Cadernos de estágio

Reflexões sobre o Ensino de Música, improvisação, composição e criação na Educação Básica: Experiência no Núcleo de Educação da Infância

Ila Lewtchuk de Paiva¹
Maristela de Oliveira Mosca

Informações

1 ilalewtchuk@gmail.com

Como citar este texto

PAIVA, I. L. de; MOSCA, M. de O. Reflexões sobre o Ensino de Música, improvisação, composição e criação na Educação Básica: e: Experiência no Núcleo de Educação da Infância . Cadernos de Estágio, v. 6, n. 3, 2024. DOI: [10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38702](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38702).



1. Introdução

Este relato tem como objetivo contar e evidenciar as principais experiências com o estágio-docência na educação infantil e nos anos iniciais realizado no Núcleo de Educação da Infância - Colégio de Aplicação - NEI-CAP/UFRN. Primeiramente, evidenciando a escolha do local, o NEI, um polo de referência educacional no Brasil, além de trabalhar a partir de temas de pesquisa, algo incomum quando nos referimos às escolas básicas e principalmente públicas. Assim, pretendemos, na condução do texto, tratar das expectativas e dúvidas de como o trabalho do Tema de Pesquisa se desenvolve em música, como o currículo de música é constituído nesse processo e, a partir dessa perspectiva, como acontecem as aulas. Acreditamos que o estágio no NEI é de extrema importância para a formação docente em música, pois expande a visão do discente da licenciatura à forma pela qual a música geralmente é ensinada nas escolas e sobre as possibilidades de ensino, abrindo assim, horizontes e criando boas reflexões sobre como o ensino, não apenas de música, mas como um todo, pode ser pensado, apesar de entender que a realidade do NEI é diferente da de outras escolas públicas.

A lei 12.287/2010 trouxe a obrigatoriedade do ensino de artes para a educação básica. Algo relativamente recente se pensarmos no contexto da escola

pública e nos cursos de licenciatura em artes. O ensino de música no ensino fundamental e médio, foi considerado obrigatório a partir da lei 11.769/2008 alterando assim a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Apesar de ser obrigatório, a linguagem musical não é exclusiva e em muitos contextos não é legitimada. Nesse sentido, as artes acontecem, muitas vezes, de forma conjunta sendo mediada por professores especializados em uma área do conhecimento, mas que deve dar aula das quatro linguagens artísticas, a saber: Música, Artes Visuais, Teatro e Dança.

A disciplina de arte no ensino básico tem como principal objetivo “garantir que os alunos vivenciem e compreendam aspectos técnicos, criativos e simbólicos em música, artes visuais, teatro, dança e suas interconexões” (BNCC, 2017). A partir dessa afirmação podemos entender que o ensino da música está para além dos aspectos teóricos e técnicos que são aprendidos e realizados durante o curso, mas também o ensino dos aspectos cognitivos, interpessoais e criativos que a arte pode proporcionar. Ainda segundo Base Nacional Comum Curricular (2017), o ensino de arte deve trabalhar as questões políticas, sociais, econômicas de forma a estimular o pensamento crítico dos alunos, além de fazer-se compreender as relações da arte, da mídia, do consumo, trazer questões para a valorização do patrimônio artístico nacional e trabalhar a criatividade

a partir de trabalhos coletivos e colaborativos. Tem como objetivo pesquisar e conhecer as matrizes estéticas e culturais e manifestações contemporâneas com intuito de criar, expressar e ressignificar os espaços escolares e fora dela, entre muitas outras possibilidades.

Apesar dessas perspectivas sobre o ensino de arte como um todo, quando falamos de música existem técnicas, características e conteúdos específicos a serem tratados. Em seu livro *Música(s) e seu ensino*, a autora Maura Penna (2012) faz uma reflexão sobre o contexto legislativo e histórico do ensino de música, focando na evolução da legislação até a obrigatoriedade e também sobre alternativas da prática da docência. Como se ensina música? E para quê? Quais são os instrumentos avaliativos? Como professores de música licenciados, essas reflexões individuais são importantes para buscar respostas que condizem com a realidade do ambiente no qual trabalhamos, realidade esta não somente dos alunos, mas da infraestrutura e da comunidade ao nosso redor.

Ainda que a realidade do NEI não seja a da maioria das escolas públicas, a possibilidade do trabalho de música a partir da criação, improvisação e composição é uma ferramenta possível para a transformação do ensino tradicional de música nas escolas. É preciso compreender também que a perspectiva de ensino e aprendizagem está mais ligada aos processos que regem os fazeres, a

abertura docente para desafios e, especialmente, o reconhecimento do contexto vivenciado, que deveria preceder o projeto de ensino da música.

A BNCC (2017) preconiza, em suas orientações para a construção curricular que sejam trabalhados no ensino fundamental, em música: os elementos da linguagem, como altura, intensidade, timbre, melodia e ritmo aprendidos e ensinados por meios de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical (EF15AR14); a percepção e exploração das diversas fontes sonoras, no corpo e nos instrumentos musicais variados (EF15AR15); e experimentação através de improvisação, composição e sonorização de histórias, músicas e atividades usando vozes, sons corporais, instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, individualmente, coletivamente e de forma colaborativa (EF15AR17). Tais proposições se relacionam com os trabalhos realizados em sala de aula, porém que são experienciados de formas diferentes. Neste relato de experiência descrevemos os processos de aprendizagem observados durante o estágio no NEI, suas particularidades e seus pontos de reflexão.

2. A escola e seu contexto de ensino

O Núcleo de Educação da Infância - CAP (NEI) fica localizado na UFRN campus central de Natal, conta com um

grande corpo docente, onde a maioria tem mestrado. Tem duas professoras de música, sendo uma também a diretora da escola, tem apoio técnico administrativo e bolsistas técnicos e de extensão, também tem auxiliares de creches, biblioteca e terceirizados, enfermeira, nutricionista, psicóloga, pedagoga e assistente social. Na gestão tem a diretora, vice-diretora, que ocupa também o cargo de coordenadora de estágio, duas coordenadoras de Ensino, uma coordenadora de pesquisa e extensão e uma coordenadora de administração.

O NEI atende os segmentos da Educação Infantil (creche e pré-escola) e Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano). Cada série do ensino fundamental tem duas turmas, uma matutina e outra vespertina, as aulas de música ocorrem uma vez por semana em cada turma. A turma observada foi o 5º ano vespertino, com 22 alunos.

Nesse contexto, a criança aprende a partir da experiência e, nesse processo, a reflexão, a prática e o diálogo constroem e ressignificam o conhecimento. Assim, os professores têm o papel de criar conexões entre esse processo de aprendizagem, levando em consideração o coletivo e o individual de cada turma e cada criança. Nessa escola, os conteúdos são trabalhados a partir do Tema de Pesquisa, que considera: o contexto sociocultural, a estrutura dos conhecimentos de área e os processos de construção de conhecimentos das crianças.

3. A observação das aulas

No primeiro encontro, houve a participação em uma reunião com a coordenação de estágio na qual foi apresentada toda a estrutura da escola, bem como a organização pedagógica e as secretarias, a todos os estagiários de vários cursos.

Ao entrar nas salas de aulas, as paredes estavam quase todas em branco e foi explicado que o motivo por trás disso era que estava no início do ano e, como eles trabalhavam a partir de temas de pesquisa, ao longo do ano as paredes iam sendo preenchidas com atividades e trabalhos realizados pelas crianças.

A turma que foi acompanhada durante o estágio foi o 5º ano vespertino, como mencionado anteriormente. Apesar da greve ter afetado o funcionamento da UFRN, essa turma em especial não foi afetada, pois como a escola só vai até o quinto ano, os alunos seriam prejudicados quando fossem para o sexto em outras escolas, pelo calendário acadêmico.

A turma se mostrou bastante agitada, bem participativa e falante, muitas vezes a professora precisava intervir e pedir silêncio, pois as crianças estavam sempre interagindo. A sala de música é identificada como “Sala de música e movimento” e é uma sala com mais de 45 tipos diferentes de instrumentos e materiais musicais, é ampla, com espaço para se movimentar e sem cadeiras. Ao

entrar, é costume todos tirarem o sapato. As aulas de música ocorrem a partir do trabalho de música e improviso, corpo e movimento.

As crianças têm entre 10 e 11 anos. Apesar de respeitosas, conversavam muito entre si. Eram cheias de energia, estavam sempre interagindo, em sua maioria participavam de forma interessada nas aulas, gostavam das propostas e as realizavam sem grandes empecilhos ou dificuldades, durante a observação apenas uma criança não quis participar de algumas atividades propostas pela professora. Elas demonstravam muito interesse em instrumentos musicais, quando tinham a oportunidade de usá-los ficavam um pouco mais eufóricas e gostavam de tocar e experimentar. Estavam entrosadas, e a sala tinha vários líderes positivos, que influenciavam o grupo a se colocar e fazer as atividades propostas.

As crianças demonstravam facilidade de se expressar corporalmente por meio de movimentos livres, também tinham facilidade de aprender músicas, mas principalmente de criar. Era perceptível que tinham muita experiência com improviso, criação e composição, pois conseguiam facilmente realizar propostas trazidas em sala de aula com essas características. A maior dificuldade dessa turma foi ouvir atentamente os comandos dados pela professora, então quando ela explicava uma atividade, tinha que repetir algumas vezes para que

todos do grupo tivessem ouvido e compreendido. As atividades eram complexas do ponto de vista criativo, mas as crianças conseguiam executar sem dificuldades.

3.1. Atividades observadas

O período de observação das aulas aconteceu entre abril e maio de 2024. A professora de música trabalhou principalmente a percepção musical através do corpo e do movimento, o improviso e a criação. Os assuntos relacionados à parte teórica surgiam a partir da prática, e ela ia explicando-as ao longo das aulas. A avaliação é feita através de trabalhos feitos em sala, e também de um projeto/apresentação no fim do semestre, criado pelas crianças. Uma observação interessante é que a professora pede silêncio em sala falando cada vez mais baixo e assim chamando atenção da turma.

Durante as aulas observadas a professora fez atividades continuadas (que começavam em uma aula e terminavam nas próximas). A atividade que eu consegui acompanhar do início ao fim começou com uma música chamada “gelatina colorida”. As crianças se sentavam em um grande círculo e colocavam as mãos uma em cima da outra de modo que uma estivesse em cima e a outra embaixo do colega para que um conseguisse “bater” na mão no outro enquanto a música era cantada. Quando

a música terminava, a criança que teve sua mão batida por último escolhia uma cor e, ao cantar a música de novo, a turma deveria lembrar as cores escolhidas anteriormente. A turma foi dividida em quatro grupos e cada grupo escolheu uma cor, as cores escolhidas foram: verde limão, verde militar, branco e fúcsia. Cada grupo criou em conjunto movimentos corporais que expressassem a cor escolhida e apresentaram o movimento ao coletivo. Essas etapas duraram aproximadamente quatro aulas.

Depois disso, cada participante escolheu um instrumento musical da estante de instrumentos e nos mesmos grupos criaram uma sonoplastia (trilha sonora) para o movimento e cor do outro grupo, por exemplo: grupo 1 tocou para o movimento no grupo 2; grupo 2 para o grupo 3; grupo 3 para o 4 e grupo 4 para o 1.

Os ensaios e o processo criativo duraram seis aulas (três dias) e no último dia todos fizeram a apresentação. Enquanto os grupos iam ensaiando, a professora ia tirando as dúvidas coletivamente e criando insights em relação aos assuntos musicais, por exemplo: ela ensinou o vibrato à turma, para movimentos mais marcados falou sobre staccato, para mais contínuos sobre legato, para dinâmicas do som falou sobre Piano e Forte. Todos esses assuntos iam surgindo de forma espontânea durante as aulas a partir das atividades de criação das crianças. A apresentação final foi divi-

dida em alguns momentos, primeiro a turma em um grande círculo com seus instrumentos cantavam a música “gelatina colorida”, então algumas crianças tocavam os instrumentos em momentos específicos e todos finalizavam com um vibrato que ia crescendo e decrescendo. Então, o primeiro grupo ia ao centro do círculo fazer o movimento enquanto o outro grupo que tinha criado a sonoplastia tocava, e assim sucessivamente até todos os grupos terem se apresentado.

Apesar de ser uma atividade complexa, de várias etapas e de algumas dificuldades de comunicação, a turma em sua maioria, teve uma participação espontânea na aula, uma criança não quis participar de uma atividade que envolvia corpo, pelo que foi observando, ela pode ter algum tipo de insegurança. A turma é questionadora, cria e responde perguntas quando é solicitada, por exemplo: a professora perguntou o que era o vibrato, então as crianças foram respondendo com suas palavras o que acham que é, então, usando as diversas respostas ofertadas, a professora explica. Isso é interessante, pois instiga as crianças a pensarem ativamente durante as aulas buscando as respostas, interpretando e raciocinando.

4. A Experiência Docente

A partir das atividades observadas e realizadas em sala de aula e da leitura

do texto “Currículo como Jazz: Perspectivas inclusivas e interdisciplinares na construção curricular do ensino de Música em uma escola de educação básica brasileira” (Mosca, 2018), foi realizada a proposta pedagógica em sala de aula. O trabalho da estagiária se deu a partir da consciência corporal e da tradução da música e dos aspectos do som em movimento. Além de trabalhar a criação a partir do som usando o instrumento de formação da estagiária, o violino.

Os objetivos das aulas foram de conhecer o instrumento violino, seu timbre, sua afinação, a forma de tocar; ouvir e identificar os diversos parâmetros e texturas encontradas no som; associar as texturas sonoras (alturas, intensidades, dinâmicas, apogiaturas e velocidade) com o movimento corporal e desenvolver a capacidade de traduzir corporalmente os parâmetros trabalhados em sala.

A aula foi dividida em três momentos. Em um primeiro momento as crianças em seus respectivos grupos (que já tinham sido separados anteriormente em atividades realizadas nas aulas passadas) foram para uma sala separada da sala de música para conhecer e ouvir o som e o timbre do violino. Cada grupo teve contato com o instrumento e fez questionamentos sobre o instrumento. Um som foi tocado para cada grupo (um primeiro som staccato é agudo, forte e lento; o segundo som legato é grave, piano com um crescendo, o ter-

ceiro foi um som com vibrado, médio e mezzoforte e o quarto som foi feito com um rallentando do grave até o agudo). Em um segundo momento os grupos combinaram entre si de forma discreta para que os outros grupos não escutassem o movimento corporal para o som que foi tocado no violino. Os grupos se apresentaram aos colegas e os colegas, o movimento e os outros grupos tentaram identificar quais características do som (alturas, intensidades, apogiaturas e velocidades) estavam presentes no movimento de cada grupo. Em sua maioria, os grupos conseguiram identificar a partir do movimento quais eram as características principais dos sons do violino, e por fim o violino mostrou o som com o movimento do grupo para eles saberem se tinham acertado.

Todos os grupos conseguiram realizar a atividade, apesar de alguns grupos conseguirem manifestar os sons em movimento de forma precisa e outros mudaram um pouco o movimento que tinham planejado na hora da apresentação ao coletivo, acredito que devido ao pouco tempo de ensaio que tiveram.

5. Discussões

Durante o período do estágio, as crianças do NEI foram incentivadas ao processo criativo desde cedo e isso reflete como elas respondem rápido a atividades complexas. A experiência docente no NEI faz refletir sobre como o ensino

básico e a pesquisa precisam estar em conjunto, pois isso agrega muito ao cotidiano escolar e ao aprendizado das crianças. Quando o conteúdo parte da curiosidade e da exploração da criança, acaba sendo absorvido de outra forma. Forma essa, que agrega conhecimento para a vida.

A capacidade dos alunos de identificarem as diversas texturas que o som pode ter e de tentar traduzir usando o corpo alguns desses aspectos, é uma ferramenta de aprendizagem na qual utiliza a experiência (práxis) e o conhecimento teórico. As crianças assim, são incentivadas a pensar, refletir, planejar, pesquisar e só então executar. Quando pensamos na proposta de ensino/aprendizagem a partir do Tema de Pesquisa, temos a oportunidade da criança explorar através da curiosidade, do seu interesse e do seu envolvimento, o conhecimento.

Apesar de desafiador, levar para a aula de música essa perspectiva do ensino a partir da criação, do improviso, da composição e do movimento, é possível. Além de ser aplicável em diversos contextos pois, apesar do NEI ter diversos recursos musicais, sabemos que não é a realidade da maior parte das escolas públicas do país. Trabalhar com a criatividade e participação ativa das crianças nas aulas torna o conhecimento algo não apenas absorvido, mas experienciado, explorado e questionado.

6. Conclusão

O estágio no NEI abre as perspectivas para a possibilidade de trabalhar a partir de Temas de Pesquisa na prática docente das escolas básicas e seus benefícios, principalmente na parte criativa do aluno. As crianças da turma do quinto ano vespertino são crianças com um desenvolvimento cognitivo e um pensamento crítico elaborados. Trabalhar os parâmetros musicais e os aspectos da música e do som a partir do improviso, da criação e da composição torna-se algo que devemos buscar no dia a dia docente a partir deste estágio, pois acreditamos que seja uma forma eficaz de trazer o conhecimento para a prática da criança e tornando-o parte do seu dia a dia em sala de aula e fora.

Cada etapa do estágio foi importante. A observação e a participação durante as aulas foi uma etapa fundamental para criar um vínculo com a turma, entender a dinâmica da aula e conseguir observar a forma de transmissão e de criação de conhecimento. Assim como as aulas ministradas, onde existe a oportunidade de unir o que foi observado durante o estágio e as ferramentas aprendidas durante o curso de licenciatura em música.

O processo criativo dos alunos relacionado ao improviso seguindo o exemplo do jazz, auxilia no desenvolvimento em diversas áreas, não somente na música. O fazer a partir da pesquisa, da

experimentação e da criatividade, cria memórias que são levadas ao longo da vida toda. Se o conhecimento é apenas transmitido e não vivenciado ele pode acabar se esvaindo rapidamente, mas a partir do momento que se faz da criança o centro no processo de aprendizagem e criação, como um autor ativo da captação do conhecimento, esse aprendizado com certeza permanece.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, [s.d.].

BRASIL. LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, no tocante ao ensino da arte. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2010/L12287.htm. Acesso em: 12 nov. 2024

MOSCA, M. O. Currículo como Jazz: Perspectivas inclusivas e interdisciplinares na construção curricular do ensino de Música em uma escola de educação básica brasileira. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Minho, 2018. p. 69-78.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Proposta pedagógica do Núcleo de Educação da Infância (NEI). Natal: UFRN, 2021. Disponível em: <https://nei.ufrn.br/instituicao/proposta>. Acesso em: 30 ago. 2024.

PENNA, Maura. Música(s) e seu ensino. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.